

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 16/05/2026 | aceito: 19/05/2026 | publicação: 22/05/2026

**Marcas Morfossintáticas do Português Angolano na Obra *Vidas Novas*, de Luandino Vieira**  
*Morphosyntactic Features of Angolan Portuguese in Luandino Vieira's Vidas Novas*  
*Marcas morfosintáticas del portugués angolano en la obra *New Lives*, de Luandino Vieira*

**Frederico Samuel** – Faculdades de Humanidades da UAN, ORCID: 0009-0004-6980-5728 | email: samuelcatunda998@gmail.com

**Resumo:** O presente artigo analisa as marcas morfossintáticas do Português Angolano (PA) na obra *Vidas Novas*, de José Luandino Vieira, com enfoque no uso dos pronomes clíticos, da partícula *que* em orações subordinadas e em outras particularidades da sintaxe e da morfologia. A pesquisa tem como objetivo compreender como a língua portuguesa, em contacto com as línguas bantu e em contexto de opressão colonial, sofreu transformações que resultaram numa variedade linguística própria, refletindo identidade cultural, resistência e simplificação linguística. Adotou-se uma abordagem qualitativa, baseada na análise textual dos oito contos que compõem a obra, complementada por fontes secundárias. Os resultados mostram que a colocação irregular de pronomes, a omissão ou simplificação da partícula *que* e a generalização da próclise constituem fenómenos recorrentes, influenciados pela lei do menor esforço, pelo contacto linguístico e pela privação do ensino formal da língua portuguesa. O estudo contribui para a compreensão da especificidade do PA e para a valorização da literatura angolana como veículo de expressão cultural e de resistência.

**Palavras-chave:** Português angolano; morfossintaxe; Luandino Vieira; *Vidas Novas*.

**Abstract:** This article examines the morphosyntactic features of Angolan Portuguese (AP) in José Luandino Vieira's work *Vidas Novas*, focusing on the use of clitic pronouns, the particle *que* in subordinate clauses, and other syntactic and morphological particularities. The study aims to understand how the Portuguese language, in contact with Bantu languages and under colonial oppression, underwent transformations that resulted in a distinct linguistic variety reflecting cultural identity, resistance, and linguistic simplification. A qualitative approach was adopted, based on textual analysis of the eight short stories comprising the work, complemented by secondary sources. The findings reveal that irregular placement of pronouns, omission or simplification of the particle *que*, and the generalization of proclisis are recurring phenomena influenced by the principle of least effort, language contact, and the lack of formal Portuguese education. This study contributes to understanding the specificity of Angolan Portuguese and highlights Angolan literature as a vehicle for cultural expression and resistance.

**Keywords:** Angolan Portuguese, morphosyntax, clitic pronouns, subordinate clauses, Luandino Vieira, *Vidas Novas*.

## 1. Introdução

O estudo da variação linguística e da especificidade do Português Angolano (PA) tem-se revelado um campo central para compreender a relação entre língua, identidade cultural e contexto sociopolítico. No âmbito da literatura angolana, a obra de José Luandino Vieira, em particular *Vidas Novas* (1962), constitui um importante testemunho da realidade colonial, na qual a língua desempenha um papel estratégico na construção da identidade, da resistência e da memória social. A presente investigação propõe-se a analisar as **marcas morfossintáticas** do português angolano na referida obra, enfatizando o comportamento dos pronomes clíticos e da partícula *que* em orações

subordinadas, bem como outras particularidades linguísticas que refletem a interação entre o português e as línguas bantu.

A problemática que norteia este estudo decorre da necessidade de compreender como a língua portuguesa, numa situação de contacto linguístico e de opressão colonial, sofreu transformações morfossintáticas em Angola. Observa-se que a maioria da população africana, privada do ensino formal da língua portuguesa, desenvolveu um sistema linguístico híbrido, caracterizado pela simplificação, pela interferência de línguas nativas e pela resistência cultural, o que se traduz no PA. Tais marcas linguísticas não só diferem da norma europeia, como também constituem um reflexo da realidade social, histórica e política da Angola colonial.

O objectivo geral deste estudo consiste em analisar as marcas morfossintáticas do português angolano presentes na obra *Vidas Novas*, de Luandino Vieira. Para a consecução deste objectivo, definiram-se os seguintes objectivos específicos:

- a. Identificar marcas morfossintáticas recorrentes no Português Angolano presentes na obra, como o uso e a colocação dos pronomes clíticos nas orações subordinadas e nas locuções verbais, o comportamento da partícula *que* em orações subordinadas substantivas e adjectivas;
- b. Relacionar estas marcas com factores socioculturais, históricos e de contacto linguístico;
- c. Avaliar a influência da lei do menor esforço e da política colonial portuguesa na simplificação linguística observada.

A pesquisa adopta uma abordagem qualitativa, de carácter descritivo e analítico. Foram seleccionados oito contos de *Vidas Novas*, escritos entre 28 de junho e 28 de julho de 1962, no Pavilhão Prisional da PIDE, em Luanda, como corpus de estudo. A análise focou-se na identificação de fenómenos morfossintáticos, nomeadamente a pronominalização, o uso da partícula *que* e outras construções verbais e preposicionais, comparando-os com a norma europeia e interpretando-os à luz de factores sociolinguísticos, históricos e culturais. O estudo baseou-se ainda em referências secundárias, incluindo os trabalhos de Macedo (2001), Padilha (2007) e Bet, Alves e Fronza (2020), para contextualizar as escolhas linguísticas do autor.

A importância desta investigação reside na sua contribuição para o conhecimento da variação morfossintática do português angolano e da literatura colonial angolana. A análise das marcas linguísticas presentes em *Vidas Novas* permite compreender como a língua serve não apenas como instrumento de comunicação, mas também como meio de resistência cultural e afirmação identitária, reflectindo o contacto entre línguas e as condições socio-históricas do período colonial. Os resultados poderão servir de referência para estudos posteriores sobre linguística histórica, sociolinguística e literatura angolana, fortalecendo a compreensão da riqueza e da especificidade do português

angolano.

## 2. Marco Teórico

### 2.1. Biografia do Autor

José Luandino Vieira, pseudónimo de José Vieira Mateus da Graça, é um escritor e tradutor luso-angolano de grande relevância na literatura angolana. Nascido na vila de Ourém, em Portugal, mudou-se para Angola com os pais aos três anos, passando toda a infância e juventude em Luanda, onde concluiu os estudos secundários.

Com o início da Guerra Colonial, integrou-se no Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), participando activamente na luta armada contra o regime colonial português. Antes disso, fora detido em 1959 pela PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado), em consequência de manifestações contra a ditadura. Voltaria a ser preso em 1961 e, posteriormente, condenado a 14 anos de prisão. Durante este período, permaneceu em diversas cadeias de Luanda até 1964, ano em que foi transferido para o campo de concentração do Tarrafal, em Cabo Verde, onde permaneceu por oito anos.

Em 21 de maio de 1965, enquanto se encontrava preso há quatro anos, a Sociedade Portuguesa de Escritores, presidida por Jacinto do Prado Coelho, decidiu atribuir-lhe o Grande Prémio de Novela pela obra *Luanda*.

Após a libertação, em 1972, sob regime de residência vigiada em Lisboa, Luandino Vieira iniciou a publicação das suas obras, a maioria das quais foi escrita durante os anos de prisão. Em 1975 regressou a Angola, recém-independente, e passou a desempenhar funções relevantes no novo regime da República Popular de Angola. Entre 1975 e 1979, foi director do Departamento de Orientação Revolucionária do MPLA, assumindo também responsabilidades no sector audiovisual e cinematográfico, tendo sido director da Televisão Popular de Angola (1975-1978) e, posteriormente, do Instituto Angolano de Cinema (1979-1984).

No domínio literário, Luandino Vieira contribuiu para a organização da vida cultural angolana, sendo cofundador da União dos Escritores Angolanos, onde exerceu os cargos de secretário-geral (1975-1980 e 1985-1992) e de secretário-geral adjunto da Associação dos Escritores Afro-asiáticos (1979-1984).

Contudo, desiludido com o reinício da guerra civil após as eleições de 1992, decidiu regressar a Portugal e fixar residência numa zona rural do Minho, próxima de Vila Nova de Cerveira.

Tendo exercido distintas profissões, ocupado vários cargos públicos e realizado diversas

colaborações jornalísticas, José Luandino Vieira tem uma obra literária vasta e abrangente, que abrange diversos gêneros literários, como se pode ver na tabela a seguir.

Tabela 1 - Obras Principais de José Luandino Vieira

Principais obras de José Luandino Vieira			
Contos	Novelas	Romances	Infanto-juvenis
<i>A Cidade e a Infância</i> (1957)	<i>A vida verdadeira de Domingos Xavier</i> (1961)	<i>Nosso Musseque</i> (2003)	<i>A guerra entre os fazedores de chuva e os caçadores de nuvens. Guerra para crianças</i> (2006)
<i>Duas histórias de pequenos burgueses</i> (1961)	<i>João Vêncio: os seus amores</i> (1979)	<i>Nós, os do Makulusu</i> (1974)	
<i>Luuanda</i> (1963)		<i>O livro dos rios, 1º vol. da trilogia De rios velhos e guerrilheiros</i> (2006)	
<i>Velhas histórias</i> (1974)			
<i>No antigamente, na vida</i> (1974)			
<i>Macandumba</i> (1978)			
<i>Lourentinho, Dona Antónia de Sousa Neto &amp; eu</i> (1981)			
<i>História da baciuzinha de Quitaba</i> (1986)			

Fonte: Elaboração própria (2026), com base nos dados bibliográficos disponíveis das obras do autor em estudo

### A Obra em Estudo: contexto, temática e linguagem

*Vidas Novas* é o título da obra de Luandino Vieira, que reúne oito contos. Estes foram escritos entre 28 de junho e 28 de julho de 1962, no Pavilhão Prisional da PIDE, em Luanda.

São contos independentes uns dos outros que, no entanto, formam uma "espécie de bloco narrativo sólido, na qual cada novo conto amplia o anterior, criando uma espécie de vórtice que impacta o imaginário do leitor, do princípio ao fim da obra" (Padilha, 2007). A história decorre na cidade de Luanda e retrata o cotidiano dos personagens, nos seus musseques e nas prisões, onde são torturados. Por isso mesmo, a obra é também uma denúncia da opressão colonial que os angolanos sofreram na época por parte do colono português, um apelo à resistência colonial, à identidade

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 16/05/2026 | aceite: 19/05/2026 | publicação: 22/05/2026

sociocultural, à solidariedade e à confiança na construção do futuro do país; daí o título *Vidas Novas*.

Quanto à linguagem, a obra é caracterizada pelas marcas da oralidade do Português em Angola, tanto no discurso do narrador ("Na mesma hora em que a professora chegou, já tinham lhes separado." (Vieira, Zito Makoa da 4º Classe, 2007)), como do personagem colonizador, o português, ("desordeiros, malcriados! És sempre tu que arranjas complicações!") e do colonizado, o nativo, falante do 'pretoguês' – forma pejorativa com que os colonizadores portugueses denominavam a linguagem híbrida português/*kimbundu* utilizada pela população angolana – ("Vamos ainda na casa de banho. Se esses sacristas vão ver, começam com as manias deles" (Vieira, Zito Makoa da 4º Classe, 2007)), na consciência de distinguir as duas esferas sociais que preenchem o mesmo tempo e espaço. O primeiro, como conquistador, impõe aos nativos angolanos "os seus valores, línguas, técnicas e estruturas socioeconómicas sob a lógica da unidade: uma só lei, uma só língua (obviamente a sua)." (Macedo, 2001).

No processo de resistência ao domínio europeu, Vieira recorre a uma escrita própria do português para valorizar a fala e os dialectos locais, em vez do português culto disseminado por Portugal. Assim, como a identidade cultural principal de um povo, a língua é empregada como forma de oposição, pois, ao não utilizar a norma-padrão europeia, o idioma do opressor, "O autor reafirma e legitima a identidade angolana" e faz uma escolha política e ideológica, em consonância com o ideário do movimento de libertação de Angola (Bet, Alves, & Fronza, 2020).

Como afirma Macedo (idem), que exclui a intenção do autor na abordagem da linguagem narrativa para focar os personagens, "o colonizado passa a constituir uma minoria sociologicamente submetida e despojada dos seus valores em virtude da 'civilização' do outro". Assim, o invadido conhece duas línguas – a nativa e a do colonizador –, no entanto, frequentemente, seja pela situação opressora que condiciona a sua acomodação, seja pelo sentimento de resistência cultural, não domina a segunda.

### 3. Material e Método

O presente estudo adopta uma abordagem qualitativa de carácter predominantemente descritivo-analítico, por se revelar a mais adequada para identificar, descrever e interpretar as marcas morfossintácticas do Português Angolano presentes na obra *Vidas Novas*, de José Luandino Vieira.

O corpus principal é constituído pela totalidade dos oito contos que integram a obra *Vidas Novas* (1962/2007), escritos pelo autor entre 28 de junho e 28 de julho de 1962, no Pavilhão Prisional da PIDE, em Luanda, tendo sido utilizada a edição de 2007 da Nzila Editora. Além do corpus literário primário, recorreu-se a fontes secundárias para o enquadramento do marco teórico e a discussão dos

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 16/05/2026 | aceite: 19/05/2026 | publicação: 22/05/2026

resultados, nomeadamente os trabalhos de Macedo (2001), Padilha (2007) e Bet, Alves e Fronza (2020), entre outras referências sobre a variação linguística do português em África e o contacto entre línguas.

A análise foi realizada em duas grandes etapas. Na primeira, procedeu-se à leitura integral e atenta de todos os contos, com o registo sistemático de exemplos representativos das marcas morfossintáticas do português angolano, nomeadamente a colocação e o uso de pronomes clíticos, o comportamento da partícula *que* em orações subordinadas substantivas e adjectivas, o uso de preposições, o modo verbal, as construções perifrásticas e outras particularidades sintáticas. Cada ocorrência foi devidamente identificada com a indicação do conto de origem, do tipo de discurso (narrador, personagem colonizado ou colonizador) e, sempre que pertinente, da correspondência à norma do português europeu.

Na segunda etapa, os fenómenos recolhidos foram classificados tipologicamente, comparados com a norma-padrão europeia e interpretados à luz de factores extralinguísticos, tais como o contacto linguístico com as línguas bantu, a lei do menor esforço, a privação do ensino formal do português no período colonial e as estratégias de resistência cultural e de afirmação identitária. Adoptou-se, assim, uma análise contrastiva (português angolano versus português europeu) e contextualizada, considerando o estatuto social dos falantes representados na obra.

Trata-se, portanto, de um estudo de base literária que analisa a representação estilizada da fala angolana realizada por Luandino Vieira, e não de um estudo sociolinguístico com dados orais espontâneos. Esta metodologia permite articular o rigor da descrição linguística com a interpretação sociocultural, demonstrando que as marcas morfossintáticas do Português Angolano em *Vidas Novas* constituem elementos de uma variedade linguística própria, carregada de significado identitário, histórico e político.

#### 4. Resultados e Discussão

##### a Resultados: Apresentação das Marcas Morfossintáticas do PA na obra *Vidas Novas*

*Vidas Novas* apresenta uma linguagem heterogênea, com duas variedades diastráticas: uma falada pelos nativos colonizados e outra pelos colonizadores, assimilados e/ou mestiços. Estas variedades justificam-se, além das origens étnicas e do contacto do português com as línguas nativas, pelo desnivelamento rigoroso entre as classes sociais, bem como pelo nível de instrução, que, grosso modo, era negado aos africanos.

Na obra em estudo, entre tantas, podemos identificar as seguintes marcas morfossintáticas do

PA:

**i Tendo em conta a colocação dos pronomes clíticos e da partícula *que* nas orações subordinadas adjectivas relativas e nas substantivas completivas objectivas finitas:**

**1. Uso do pronome *lhe* com valor de CD, em lugar do *o*:**

- a. [...] e as mãos já sabiam mesmo o jeito de **lhes** enxotar.<sup>n</sup> // (Vieira, Dina, 2007)  
[PE: [...] e as mãos já sabiam mesmo o jeito de enxotá-las.]
  - b. *Só mesmo a velha é que **o** obrigava.*<sup>n</sup> // (Idem) [PE: Só mesmo a velha é que **a** obrigava.]
  - c. *Como vou **lhe** chamar então?*<sup>p</sup> (Vieira, À Sexta-Feira, 2007) // [PE: como vou chamá-la, afinal? ]
  - d. *Mataram-**lhe**! Eu vi: mataram-no! Filhos da puta!*<sup>p</sup> (Vieira, Dina, 2007) // [PE: Mataram-no! Eu vi: mataram-no!]
  - e. *O Cassetete arrancou-**lhe** para longe, para o tempo em que nada lembra.*<sup>n</sup> (Idem)  
[PE: O Cassetete arrancou-**o** para longe, para o tempo em que nada lembra.]
- ii Falta de observância rigorosa dos factores de próclise (ou irregularização da ênclise):**
- f. [...] e aproveitou mesmo esse dia, na volta da pesca, para chamar o carro da polícia para **levá-lo**.<sup>n</sup> (Vieira, À Espera do Luar, 2007) // [PE: e aproveitou mesmo esse dia, na volta da pesca, para chamar o carro da polícia para levá-lo.]
  - g. *Deixa, Santo! Eu já dou-**lhe** a resposta!*<sup>p</sup> (Vieira, O feitiço no Bufo Toneto, 2007) // [PE: Deixa, Santo! Eu já **lhe** dou a resposta!]
  - h. *Mas a palavra "senhora" prendeu-**lhe** a garganta, e foi isso que o fez ficar encarnada [...].*<sup>N</sup> [PE: Mas ela prendeu a palavra "senhora" na garganta, e foi isso que a deixou encarnada.]

**iii Tendência à generalização da próclise:** verifica-se uma tendência ao uso da próclise mesmo em condições em que, na norma padrão europeia, recomenda-se a ênclise, como seja:

No início de frases: nas orações absolutas, principais e coordenadas iniciadas sem atractores de clítico ou qualquer outra condição que aconselhe tal colocação:

- a) *Dina, a se coçar, pensava em como ia fazer mesmo nessa noite.* [PE: Dina, a coçarse, pensava em como ia fazer mesmo nessa noite.]
- b) *Só Tonho quer você na cama dele. [...] um bom branco, como ele, **pode te dar mesmo casamento.***<sup>P</sup> (Vieira, Dina, 2007)

- c) *Sente, Zeca! Te trouxe três balas!*<sup>P</sup> (Vieira, Zito Makoa da 4ª Classe, 2007) // [PE: Sente, Zeca! Trouxe-te três balas!]
- d) *Me dê uma laranja.*<sup>N</sup> (Vieira, À Sexta-Feira, 2007) // [PE: Por favor, dá-me uma laranja!]
- e) *O sol já tinha fugido todo, as estrelas invejosas deram-lhe berrida, e a lua nasceu [...]*<sup>N</sup> (Vieira, Dina, 2007) // [PE: O sol já tinha fugido todo, as estrelas invejosas deram-lhe berrida, e a lua nasceu. O sol já tinha fugido todo, as estrelas invejosas correram com ela, e a lua nasceu.]

#### Nas locuções verbais antes do verbo principal:

- a) [...] foi o sacana que foi me queixar, mas não posso provar...<sup>P</sup> (Vieira, O feitiço no Bufo Toneto, 2007) // [PE: Foi o sacana que **me** foi queixar, mas não posso provar.../ Foi o sacana que foi queixar-**me**, mas não posso provar...]
- b) *Não posso mais viver com esse homem na rua. Vai me matar, vai me matar, nosso chefe!*<sup>P</sup> (Idem). PE: Não posso mais viver com esse homem na rua. Vai matar-me, vai matar-me, nosso chefe!
- c) *Juro, Mília, não posso te dizer!*<sup>P</sup> (Vieira, O feitiço no Bufo Toneto, 2007) // [PE: Juro, Mília, não te posso dizer/ Juro, Mília, não posso dizer-te.]
- d) *Vou lhe chamar como então? Não é menina?*<sup>P</sup> (Vieira, À Sexta-Feira, 2007) [PE: Afinal, como devo chamá-la, senão de menina?]

#### iv Utilização da preposição *em* em vez da preposição *a*

Para introduzir o CI:

- a) *Era ainda a primeira vez que vinha a esse sítio, nesse dia de entrega das roupas, como lhe tinham avisado quando telefonaram ao director da cadeia.*<sup>N</sup> (Vieira, À Sexta-Feira, 2007) // [PE: Era ainda a primeira vez que vinha a este sítio, nesse dia de entrega das roupas, como a avisaram quando tinha telefonado ao director da cadeia.]
- b) *Agora a gente só combina o que vamos fazer nesse bufo, mais nada!*<sup>P</sup> (Vieira, O feitiço no Bufo Toneto, 2007) // [PE: Agora só temos de combinar o que fazer àquele bufo, mais nada!]
- c) *Cada vez que a porta se abria e uma pessoa adiantava entregar as coisas ao rapaz que ajudava o guarda [...].*<sup>N</sup> (Vieira, Dina, 2007) [PE: Cada vez que a porta se abria e uma pessoa adiantava entregar as coisas **ao** rapaz que ajudava o guarda.] Para introduzir o complemento oblíquo introduzido por verbos de movimento:
- d) *Vai ainda à menina bonita pedir desculpa.*<sup>P</sup> (Vieira, À Sexta-Feira, 2007) // [PE: **Vai**, por favor, **à** menina bonita pedir desculpa.]

e) *Vamos ainda à casa de banho!*<sup>P</sup> (Vieira, Zito Makoa da 4.<sup>a</sup> Classe, 2007) [PE: Vamos à casa de banho, por favor.]

**v Omissão da partícula *que* nas orações subordinadas completivas objectivas directas finitas:**

- a) *Parece que lhe puseram feitiço, não sei!*<sup>P</sup> (Vieira, Dina, 2007) [PE: Parece que foi enfeitado, não sei!]
- b) *Lhe contaram também que o pai estava deitado [...]*<sup>N</sup> (Vieira, Dina, 2007) [PE: Contaram-lhe também que o pai estava deitado.]
- c) *Você pensa [-] que eu estou lhe defendendo [...]*<sup>P</sup> (Vieira, O feitiço no Bufo Toneto, 2007) [PE: Você pensa que eu estou a defendê-lo.]
- d) *Você sabe bem [...] a gente agora está pouca, Chico, o prenderam e o melhor mesmo é esse caso acabar com a mesma pessoa até no fim.*<sup>P</sup> (Vieira, À Espera do Luar, 2007) // [PE: Você sabe bem que agora somos poucos e que Chico foi preso; logo, o melhor mesmo é que esse caso acabe com a mesma pessoa.]

**vi Simplificação do constituinte relativo, nas orações adjectivas, eliminando a preposição *que* o antecede:**

- 1 *Essa coisa trepava [...], amarrava-lhe no coração na hora [-] em que trabalhava [...]*<sup>N</sup> (Vieira, Dina, 2007) [PE: Aquela coisa trepava, amarrava-lhe o coração na hora em que trabalhava.]
- 2 *Mas não, não pode se lembrar assim, nessa hora [-] em que o sol escondia, envergonhado, da luz amarela [...]*<sup>N</sup> (Idem) // [PE: Mas não, não se pode lembrar assim nessa hora **em** que o sol se escondia, envergonhado, da luz amarela. // Mas não, não pode lembrar-se assim nessa hora em que o sol se escondia, envergonhado, da luz amarela.
- 3 *À noite chegava pelo dia fora e a luz de azeite-palma cobria os risos dos monandengues brincando [...], na hora em que os jipes já passavam devagar, a espreitar.*<sup>N</sup> (Idem) // [PE:

À noite chegava pelo dia fora, e a luz de azeite-palma cobria os risos dos *monandengues* brincando [...], na hora em que os jipes já passavam devagar, a espreitar.

**vii Outras Marcas Morfossintácticas do PA na Obra em Estudo**

Entre outras marcas morfossintácticas do PA na obra "Vidas Novas", foram observadas as seguintes, as quais ocorrem com frequência:

### 3.1.7.1.Ocorrência do indicativo em contextos obrigatórios do conjuntivo:

#### Nas orações subordinadas finitas adverbiais:

a. *Quando você tiver dezasseis anos, já sabe, minha filha!* <sup>P</sup> (Vieira, Dina, 2007) // [PE: Quando você tiver dezasseis anos, já sabe, minha filha!] **Nas orações dubitativas introduzidas pelo advérbio modal – talvez:**

a. *Talvez ele viesse e ela já não quisesse mais dele [...].* <sup>N</sup> (Vieira, Dina, 2007) // [PE: Talvez ele pudesse vir, embora ela já não o quisesse.]

### 3.1.7.2.Não observância rigorosa na forma de tratamento:

a. *Se você quiser, eu vou lá te ensinar ainda...* <sup>P</sup> (Vieira, À Espera do Luar, 2007) // [PE: Se você quiser, eu vou aí ensiná-lo.]

b. *Se não foi ele que fez queixa para você passar lá cinco meses e tal, levando porrada todos os dias, não vão querer ainda esquecer o Domingos...* (Vieira, O feitiço no Bufo Toneto, 2007) [PE: Se não foi ele que **te** fez queixa para **tu** passares lá cinco meses e tal, levando porrada todos os dias, não vão querer esquecer o Domingos.]

### 3.1.7.3.Omissão da preposição da regência verbal nas orações subordinadas substantivas completivas objectivas directas (orações cortadoras):

1 *[...] pensava [-] como ia fazer mesmo nessa noite.* <sup>N</sup> (Vieira, Dina, 2007) // [PE: Pensava **em** como ia fazer mesmo naquela noite.]

2 *"[...] lhe contaram também [-] o pai estava deitado [...]"* (idem) // [PE: Contaram-lhe também **que** o pai estava deitado.]

### 3.1.7.4.Omissão da preposição na constituição do complemento oblíquo:

a. *Enxotando as moscas dessa ferida no pé, Dina estava a pensar, outra vez, em [-] essas coisas.* <sup>N</sup> (Idem) [PE: A enxotar as moscas daquela ferida no pé, Dina, estava a pensar, outra vez, naquelas coisas.]

### 3.1.7.5.Uso preferencial do gerúndio em lugar do infinitivo:

a) *Pelo areal, esquivando-se entre os quintais, o homem corre[...].* <sup>N</sup> (Vieira, Dina, 2007) [PE: Pelo areal, a esquivar-se entre os quintais, o homem corre [...].

b) *Grita, grita, parece que é maluco, pedindo socorro, jurando [...].* <sup>N</sup> [PE: Grita, grita, como um loco, **a pedir** socorro, **a gritar**.]

c) *Dina estava lá, [...] sentada na porta da cubata, coçando as pernas.* <sup>N</sup> (Idem) [PE: Dina estava lá, sentada à porta da cubata, a coçar as pernas.]

### 3.1.7.6.Utilização da construção verbal parecer + ser com valor de partícula comparativa em lugar de como:

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 16/05/2026 | aceite: 19/05/2026 | publicação: 22/05/2026

- a) *É um velho, e os olhos grossos do medo brilham; parecem brasas.*<sup>N</sup> [PE: *É um velho, e os olhos grossos do medo brilham como brasas*]
- b) *Grita, grita, parece que é maluco, pedindo socorro, jurando [...].*<sup>N</sup> [PE: *Grita, grita, como un loco, a pedir socorro, a gritar.*]
- c) [...] *Toneto Gomes seguia baloiçando os braços; parecia um boneco [...].*<sup>N</sup> [PE: *Toneto Gomes seguia baloiçando os braços como um boneco.*]

### 3.1.7.7. Omissão da preposição a, no verbo auxiliar aspectual, nas construções perifrásticas:

Acentuando o início da acção:

- a) *Então, mas como o vento que começava a assobiar com força nos zincos soltos [...].*<sup>N</sup> (Vieira, Dina, 2007) // [PE: *Então, mas como o vento que começava a assobiar com força nos zincos soltos*].

Acentuando a duração da acção:

- a) [...] *Nela [...] espreitou, e a mulher continuou a falar.*<sup>N</sup> (Vieira, À Sexta-Feira, 2007) [PE: *Nela espreitou e a mulher continuou a falar.*]
- b) *Sô Kamuenho andava-lhe [-] a perseguir [...].*<sup>N</sup> (Vieira, À Espera do Luar, 2007) [PE: *Sô Kamuenho andava a persegui-lo.*]
- c) [...] *o gajo parece ainda está [-] andar lá no liceu...*<sup>P</sup> (Vieira, O feitiço no Bufo Toneto, 2007) // [PE: *parece que o gajo ainda anda lá no liceu...*]

### 3.1.7.8. Uso irregular do modo imperativo (imperativo negativo forte (Undolo, 2014)):

- a) *Nunca escreva essas coisas, Kangatu!*<sup>P</sup> (Vieira, À Espera do Luar, 2007) [PE: *Nunca escrevas essas coisas, Kangatu!*]
- b) *Não ri assim, João, porra! Não ri assim, você sabe!*<sup>P</sup> [PE: *Não te rias assim, João, porra! Não te rias assim, tu sabes!*]
- c) *Não fique na praia, Kangatu! Vai no dongo! //* [PE: *Não fiques na praia, Kangatu! Vai ao dongo!*]

### 3.1.7.9. Uso do verbo na primeira pessoa do plural para o sujeito colectivo 'gente' no singular:

- a) Agora **a gente** só combina o que **vamos** fazer nesse bufo, mais nada.

### 3.1.7.10. Uso da preposição em para introduzir complementos oblíquos de várias ordens:

- a) Agora a gente só combina o que vamos **fazer nesse** bufo, mais nada. [PE: *Agora a gente só combina o que vai fazer com esse bufo, mais nada!*]
- b) [...] *você me conhece de pequenininho, sabe por que eu saí mesmo da escola [...]* // [PE: *Você me conhece desde pequenininho, sabe por que eu saí mesmo da escola.*]

Assim, em *Vidas Novas*, observam-se muitas marcas do português falado em Angola, das quais destacamos algumas de ordem morfossintáctica, mais precisamente aquelas ligadas à pronominalização e ao comportamento da partícula *que* nas orações subordinadas substantivas completivas objectivas directas finitas.

Quanto à pronominalização, verifica-se, por um lado, a generalização da próclise e, por outro, a falta de observância dos padrões de colocação dos pronomes pessoais átonos, em comparação com a norma europeia. A mesóclise é um fenômeno inexistente na língua portuguesa falada na obra. Quanto à ênclise, ocorre de forma irregular em relação ao padrão europeu, exceto entre falantes europeus e assimilados, que constituem a minoria da comunidade falante.

Verificam-se duas variedades na constituição das orações subordinadas substantivas completivas objectivas directas finitas. Por um lado, ela ocorre com o transpositor (*que*) explícito; por outro, influenciada pela lei do menor esforço, ocorre sem o referido transpositor, isto é, formando orações relativas cortadoras, tendendo à simplificação da língua. Embora seja frequente no PA, na obra em causa, não ocorrem orações relativas resumptivas.

Quanto aos modos verbais, verifica-se a ocorrência do indicativo em contextos obrigatórios do conjuntivo, principalmente, nas orações directamente introduzidas pela integrante *que* e, algumas vezes, nas subordinadas finitas adverbiais e nas dubitativas introduzidas por um advérbio modal. O modo conjuntivo apresenta, na forma negativa da segunda pessoa, duas variedades: uma conforme a norma-padrão europeia e outra irregular em relação a ela, motivada pela lei do menor esforço e pela simplificação da língua.

Grosso modo, *Vidas Novas* apresenta a realidade linguística de Angola, de uma sociedade submetida à língua de outrem e politicamente despojada da(s) sua(s) em virtude da 'civilização' propagada pelo expansionismo europeu, mais precisamente português. A língua presente no discurso do narrador e das personagens na obra, o PA, desvia-se do PE porque reflecte as realidades do país na época colonial. Nela, grosso modo, o sentimento de resistência à opressão colonial entre os angolanos influenciou a assimilação da cultura europeia.

Com efeito, por um lado, o colonizado ou conhece duas línguas – a nativa e a do colonizador –, ou não domina a nativa, mas fala um português estranho àquele europeu, uma língua que é consequência da situação sociopolítica da época colonial a que o país esteve submetido, na qual há uma cultura não totalmente abandonada e outra não completamente assimilada. Por outro lado, produto do contacto entre as línguas nativas e a língua de chegada, o português.

Quanto aos factores que terão influenciado tais particularidades, e para responder à nossa questão de partida, na problemática, o nosso estudo permite-nos assegurar quatro principalmente:

1. **O contacto linguístico** entre a LP e as línguas *bantu* e a interferência directa da gramática das línguas *bantu* na LP, principalmente na generalização da próclise.
2. A **insegurança linguística no comportamento de falantes cultos** e influentes na sociedade em que se situam, o que propicia e legitima hábitos ou usos como o *heissem* e a predominância da próclise;
3. O facto de a política colonial portuguesa ter privado a esmagadora maioria dos angolanos do ensino formal da LP.

**Simplificação da língua:** como o sistema pronominal e o da construção de subordinadas com o transpositor *que* do PE apresenta-se complexo, os falantes do PA tendem à simplificação dos referidos sistemas influenciados pela lei do menor esforço

### 3.2. Discussão

Os resultados da análise das marcas morfossintáticas em *Vidas Novas* revelam um conjunto de fenómenos recorrentes que caracterizam o Português Angolano (PA) como uma variedade em processo de autonomização face ao Português Europeu (PE). Destacam-se a generalização da próclise, o *lheísmo* (uso de *lhe* com valor de complemento directo), a omissão ou simplificação da partícula *que* em orações subordinadas completivas, o emprego da preposição *em* contextos do PE, a substituição do conjuntivo pelo indicativo e a preferência pelo gerúndio em detrimento do infinitivo preposicionado. Estes traços não surgem de forma aleatória, mas reflectem a influência do contacto linguístico com as línguas bantu, a lei do menor esforço e as condições socioculturais do período colonial, nomeadamente a Restrição ao acesso formal à norma europeia.

Estes resultados corroboram e aprofundam observações presentes na literatura recente sobre o PA. Undolo (2014), na sua tese doutoral *Caracterização da norma do português em Angola*, identifica traços sistemáticos de variação morfossintáctica resultantes do contacto com as línguas nacionais, reforçando a ideia de que o PA constitui uma norma própria em emergência. Da mesma forma, o estudo corrobora as análises de Adriano (2014) sobre as peculiaridades linguísticas angolanas, especialmente no domínio da sintaxe e da regência preposicional, nas quais se verifica a neutralização de distinções presentes no PE.

No que concerne à colocação pronominal, os dados de *Vidas Novas* – com forte tendência para a próclise, mesmo em contextos de ênclise obrigatória no PE – alinham-se com os contributos de Bernardo (2017), que documenta a generalização da próclise no português angolano escrito e falado, interpretando-a como resultado tanto da interferência bantu (em que os objectos precedem o verbo) como de processos internos de simplificação. Estudos mais recentes, como os de Armindo (2020),

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 16/05/2026 | aceite: 19/05/2026 | publicação: 22/05/2026

sobre o contacto entre o português e as línguas bantu, reforçam esta perspectiva, destacando fenómenos como o lheísmo e a omissão de transpositores que funcionam como estratégias de economia linguística e de afirmação identitária.

A representação literária de Luandino Vieira ganha, assim, maior relevância: o autor não apenas documenta o português falado nos musseques, mas também o estiliza como um veículo de resistência cultural. Os resultados deste trabalho confirmam que tais marcas não são "desvios" ou "erros", mas sim elementos constitutivos de uma variedade viva, pluricêntrica, que reflecte a história colonial e o projecto de construção nacional angolana. Em diálogo com a literatura especializada, o presente estudo contribui para a consolidação do reconhecimento científico do português angolano como norma legítima e autónoma

### Considerações Finais

Em *Vidas Novas*, de José Luandino Vieira, verificam-se numerosas marcas morfossintácticas do Português Angolano, com destaque para as particularidades da pronominalização (generalização da próclise, lheísmo e colocação irregular dos clíticos), o comportamento da partícula *que* nas orações subordinadas substantivas completivas (frequente omissão, dando origem a orações cortadoras) e outras construções sintácticas como o uso da preposição *em* por *a*, a substituição do conjuntivo pelo indicativo, a preferência pelo gerúndio e diversas simplificações motivadas pela lei do menor esforço.

Com esta análise, cumpriram-se integralmente os objectivos traçados no início do estudo. Identificaram-se e descreveram-se as principais marcas morfossintácticas do português angolano presentes na obra (objectivo específico a), relacionando-as com factores socioculturais, históricos e de contacto linguístico (objectivo específico b) e avaliando o peso da lei do menor esforço e da política colonial na simplificação observada (objectivo específico c). O objectivo geral – analisar as marcas morfossintácticas do PA em *Vidas Novas* – foi, portanto, plenamente atingido.

O presente artigo contribui para o conhecimento da variação morfossintáctica do português angolano e para a valorização da obra de Luandino Vieira como testemunho linguístico e cultural. Ao demonstrar que as marcas identificadas não constituem meros "erros" ou desvios, mas sim traços sistemáticos de uma variedade legítima e carregada de significado identitário, o estudo reforça o reconhecimento do PA como norma própria no quadro das variedades pluricêntricas da língua portuguesa. Espera-se que estes resultados sirvam de referência para investigações futuras em linguística histórica, sociolinguística e estudos literários angolanos, contribuindo para a afirmação científica e cultural da nossa variedade linguística.



## Referências

- Adriano, P. S. (2014). *Tratamento Morfosintático de Expressões e Estruturas Frásicas do Português em Angola: Divergências em Relação à Norma Europeia (Tese de Doutorado)*. Évora: Universidade de Évora.
- Bernardo, E. P. (2017). Norma e variação linguística: implicações no ensino da língua portuguesa. *RILP - Revista INternacional em Língua Portuguesa*, 40–54.
- Bet, R. G., Alves, H. R., & Fronza, C. O. (2020). As marcas da resistência nos contos 'Dina' e 'Zito Makoa, da 4ª classe' em 'Vidas Novas' de Luandino Vieira. *Revista África e Africanidades*.
- Macedo, T. (2001). *O 'Pretoguês' e a literatura de José Luandino Vieira*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Padilha, L. C. (2007). Comentário a Vidas Novas. Em L. Vieira, *Vidas Novas*. Luanda: Nzila Editora.
- Undolo, M. E. (2014). *Caracterização Da Norma Do Português Angolano. (Tese de Doutorado)*. Évora: Instituto de Investigação e Formação Avançada.
- Vieira, J. L. (2007). À Espera do Luar. Em J. L. Vieira, *Vidas Novas* (pp. 27–35). Luanda: Nzila Editora.
- Vieira, J. L. (2007). À Sexta-Feira. Em J. L. Vieira, *Vidas Novas* (pp. 39–48). Luanda: Nzila Editora.
- Vieira, J. L. (2007). Dina. Em L. Vieira, *Vidas Novas* (pp. 17–24). Luanda: Nzila Editora.
- Vieira, J. L. (2007). O feitiço no Bufo Toneto. Em J. L. Vieira, *Vidas Novas* (pp. 51–68). Luanda: Nzila Editora.
- Vieira, J. L. (2007). Zito Makoa da 4ª Classe. Em L. Vieira, *Vidas Novas* (pp. 117–118). Luanda: Nzila Editora.